

# Introdução

O convite que Eleny estendeu à minha pessoa para escrever a introdução deste seu livro, além do envaidecimento e alegria, proporcionou-me uma oportunidade única de demonstrar o meu profundo agradecimento por poder resgatar uma dívida pessoal de alguns anos. Em novembro de 1994, eu dei início ao meu programa de Cursos de Cuidados Paliativos ao Paciente Fora de Recursos Terapêuticos de Cura (pacientes terminais), com o apoio do Departamento de Cultura Científica do Centro Acadêmico Pereira Barreto da Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina (UMFESP-EPM), dirigidos aos estudantes de todas as universidades e também à comunidade. Os cursos constam de aulas ministradas por profissionais das áreas do corpo, da mente, do espírito, do social e voluntários leigos e têm duração de cinco dias.

No dia de aula sobre os sintomas do espírito, eu procurei abranger as religiões mais representativas em São Paulo, a saber, a cristã (católica e protestante), a hebraica e a espírita. As outras foram deixadas de lado por insuficiência de tempo de exposição. Terminado o primeiro curso e recolhidos os questionários de avaliação distribuídos aos alunos, para a devida apreciação, uma dolorosa surpresa deixou-me estupefato. Enquanto todas as demais áreas haviam tido aceitação dos alunos, a religiosa foi rudemente criticada por diversos deles, como “religião não nos interessa”.

Ponderando sobre essa perturbadora negatividade, cheguei à conclusão de que todos os professores, exceto um, dissertaram sobre a filosofia de suas religiões, mas nenhum deles tinha experiência em assistir o paciente durante o seu processo de morrer! O único que a possuía, um jovem capelão católico, era inexperiente em didática, pois trouxe o roteiro de sua aula em folhas avulsas de papel e, para

sua infelicidade, a noite estava muito quente, quando alguém abriu uma janela, permitindo que o ambiente refrescasse, o vento que adveio tirou das suas mãos as folhas que esvoaçaram pelo anfiteatro; e ele, ocupando-se e perdendo-se na tarefa de apanhá-las, perturbou e perdeu o fio da meada... Por três anos eu deixei de incluir as aulas de assistência religiosa nos cursos.

Um dia, eu aguardava a hora da entrevista com o gerente de uma multinacional farmacêutica e, para passar o tempo, comecei a folhear um exemplar de revista médica denominada *Âmbito Hospitalar*. Nela, um artigo sobre *Enfermagem e pacientes terminais*, de autoria da pastora Eleny Vassão, chamou a minha atenção. A sua leitura colocou-me diante de uma nova perspectiva de atendimento paliativo, com ênfase na espiritualidade religiosa do ser humano. Eis aí o que faltava em meus cursos. Anotei o telefone da autora e, ao chegar em casa, tentei falar com ela, porém a secretária eletrônica solicitou-me a deixar uma mensagem. Como eu deveria viajar em seguida ao Rio de Janeiro por dez dias, deixei o meu nome e telefone anotados na caixa postal. Ao regressar, encontrei em minha caixa postal uma curta mensagem da Eleny. Eu consegui falar com ela e, daí para diante, conhecê-la e convidá-la para participar dos meus cursos foi algo fácil e agradável. Desde 1996 até os dias de hoje, Eleny tem participado dos cursos de *Cuidados Paliativos do Centro Acadêmico* (são anuais) da *Disciplina Eletiva de Cuidados Paliativos da UMFESP-EPM*, desde 1998 até 2001, e colaborado com artigos previamente publicados, e posteriormente incluídos no material didático que eu distribuo aos estudantes.

O conteúdo deste livro é evidentemente de filosofia cristã. A sua leitura discorre numa sequência lógica: a dificuldade de falar sobre a morte, enfatizando seu tabu na civilização ocidental cristã nos séculos 20 e 21; os medos da morte; a morte e o ensino médico - na minha opinião a maior falha de nossa cultura em procurar entender a única verdade e certeza do ser vivente; e, a partir do capítulo 6 (*A importância dos Cuidados Paliativos*), o ensino e aconselhamento sobre os mistérios da finitude do homem, a fim de viabilizá-lo de modo eficaz e duradouro. Toda essa tarefa didática está sedimentada na profunda fé da autora e na sua excepcional experiência em acompanhar a viagem final dos seus pacientes.

Ao terminar a minha segunda leitura do livro, tive a intenção de transcrever algumas anotações que fiz de trechos que me pareceram relevantes. Mas eles são tantos que, na prática, eu iria escrever uma obra paralela. Talvez a minha intenção fosse reforçar a atenção do leitor, mas, na realidade, o mais certo é deixar a ele o prazer de aprofundar-se na leitura, fazendo as suas anotações, e meditando sobre elas. Este é um livro de estudo e reflexão. Tanto pode servir ao cristão como ao ateu, ou a qualquer outro seguidor de religiões diferentes da cristã. A crença na transcendentalidade é inerente ao homem e é, talvez, em última análise, seja o que realmente o separa dos demais animais quanto à evolução superior.

Em minhas leituras sobre Cuidados Paliativos e convivência com diversos grupos da área, tenho notado que a atenção ao lado espiritual do homem não tem sido a regra. Ela é deixada àquele profissional que, por razões diversas, interessa-se pelo assunto. Felizmente, em todo o mundo está ocorrendo um interesse em estudar e definir o que é *espiritualidade*. O grupo que coordeno no Setor de Cuidados Paliativos da Disciplina de Clínica Médica da UMFESP-EPM é um desses grupos interessados. Todo ele formado por profissionais voluntários, o tempo disponível, infelizmente, é escasso, mas o entusiasmo é estimulante.

Eleny é uma das pessoas que mais tem influenciado na minha contínua formação profissional. Eu, aos 79 anos de idade, identifiquei-a com a chefe de enfermagem Irene, do hospital filantrópico São Francisco de Assis. Quando lá cheguei, aos 19 anos de idade e ingressando, em fevereiro de 1943, na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro), fui levado pelas mãos de um médico amigo de meu pai, eu fui apresentado a um chefe de equipe do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia. Ele, uma vez terminada a breve apresentação, chamou a enfermeira chefe Irene e disse: “Tome esse menino e o devolva para daqui a seis meses”. E assim, por seis meses eu fiquei colado à barra da saia das enfermeiras. Com elas aprendi a cuidar de mulheres de todas as raças e categorias sociais, inclusive de prostitutas (o hospital estava localizado na área do maior baixo meretrício da América Latina, a famosa Zona do Mangue). Foi um aprendizado maravilhoso que me ensinou a admirar as enfermeiras

mais que os médicos, e sempre respeitar uma pessoa independente do seu meio de vida, - seja um beato ou um pecaminoso -, e a nunca julgar o próximo.

A convivência diária com os pacientes terminais, sob os ensinamentos da enfermeira Irene e da pastora Eleny, forjaram-me ainda mais o caráter e o amor ao próximo. Essa influência benéfica, eu tenho certeza, também contaminará o leitor.

Marco Tullio de Assis Figueiredo  
Professor Doutor da Escola Paulista de Medicina e  
Coordenador dos Cursos de Tanatologia, Cuidados Paliativos  
e Pacientes Terminais. Dirige também o grupo de Cuidados  
Paliativos que atende no Hospital São Paulo.